



RODRIGO CABRITA

ALMADA E LISBOA

43^o Festival de Almada Gaivotas em palco

A festa faz-se com diferentes encenações de um clássico de Tchekhov, grandes nomes do teatro europeu, referências da dança contemporânea, concertos na esplanada, colóquios e exposições

— POR RAFAEL NABAIS

Nesta 43^a edição do Festival de Almada vão ser vários os espetáculos criados a partir de *A Gaivota*, de Anton Tchekhov. Uma coincidência feliz, como adianta Rodrigo Francisco, dramaturgo e encenador, diretor artístico do festival e da Companhia de Teatro de Almada, que o organiza há mais de quatro décadas, com o apoio da autarquia. “Diferentes criadores sentiram a necessidade de revisitar este texto com mais de cem anos, fundador da dramaturgia moderna. Alguns críticos diziam que o texto estava morto, que o teatro ia tomar outros caminhos, mas a verdade é que as novas gerações continuam a interessar-se por essa tradição seminal do teatro ocidental, a palavra”, explica.

Miguel Fragata e Inês Barahona apresentam *Só Mais uma Gaivota*, tomando o pulso

aos sonhos e rumos dos colegas que representaram a peça do escritor russo, no final do curso, em 2005. Raquel Castro propõe *Ansioliticamente Falando*, interpelando as preocupações criativas, através de jovens atores, nos ensaios dessa peça. Haverá ainda *La Lettre*, do dramaturgo e encenador suíço Milo Rau, que junta os destinos de dois atores, Arne De Tremerie e Olga Mouak, com uma obsessão, precisamente, por esse texto, no que poderia ser um “manifesto” sobre o teatro hoje. E Christian Benedetti, que se apresenta pela primeira vez em Portugal, dirige *A Gaivota*, naquele que será o espetáculo de encerramento do festival. “Tchekhov descreve a Humanidade de uma forma inimitável”, observa o encenador francês que já levou à cena todas as grandes obras-primas do dramaturgo, no seu Tchecóvia, teatro-estúdio, em Alfortville, perto de Paris.

▲ **Reinterpretação** Com excertos de texto de Anton Tchekhov, *Só Mais uma Gaivota*, de Miguel Fragata e Inês Barahona, terá três apresentações

Mas haverá mais Tchekhov no festival. O encenador alemão Peter Stein, um gigante do teatro e presença habitual no festival, vai trazer desta vez *Platónov*, escrita quando o dramaturgo tinha apenas 21 anos. Um dos espetáculos imperdíveis, segundo Rodrigo Francisco: “É uma peça raramente feita, dura cinco horas, mas os festivais são também lugares para termos este tipo de experiências. É de nos deixarmos abandonar à poesia desse texto desmesurado.”

O *Cume*, do suíço Christoph Marthaler, que já foi apresentado em edições anteriores, este ano será visto num espetáculo coproduzido pelo Piccolo Teatro di Milano, com atores de vários países europeus. “O texto olha para a União Europeia e para as instâncias que nos governam e, com o seu olhar sempre mordaz, mas otimista, faz-nos rir do que a Europa poderia ser e infelizmente ainda não é”, sublinha o diretor.

De 4 a 18 de julho, ao todo são 19 espetáculos, 12 de criadores internacionais e sete de portugueses, em oito palcos de Almada e dois de Lisboa. “Todos os anos procuramos espetáculos que falem com vários públicos, porque temos teatro da palavra, puro e duro, mas também de dança ou de novo circo. O conceito do festival é plural, o teatro nas suas variadas vertentes, correntes, manifestações e gerações”, diz Rodrigo Francisco.

Na dança contemporânea, a belga Anne Teresa De Keersmaeker vai dançar as canções de Jacques Brel com o jovem bailarino francês Solal Mariotte, num espetáculo justamente intitulado *Brel*, convocando a poesia, força e dramaticidade do cantor belga. O sérvio Josef Nadj irá apresentar *Dialogues Dans le Rêve*, com Ivan Fatjo, inspirado na poesia do poeta húngaro Dezso Tandori. No que toca a cruzamentos com o novo circo, destaque para a abertura do festival, com o regresso de Martin Zimmermann, com *Danse Macabre*.

ESTREIA DA CASA

A Companhia de Teatro de Almada vai estreiar a sua nova produção, *Saudações*, uma encenação de Álvaro Correia, a partir de três peças curtas de Eugène Ionesco, *O Novo Inquilino*, *As Saudações* e *Delírio a Dois*, numa tradução de Golgona Anghel, com interpretação de Teresa Gafeira e Pedro Walter e os atores convidados André Pardal, Carla Bolito e Bruno Soares Nogueira.

Entre as peças em língua portuguesa, destaca-se ainda *Varietades*, de Fernando Heitor e Flávio Gil, com dez atores e seis músicos em palco, sob a direção musical de João Paulo Soares, a assinalar os cem anos de história do teatro do Parque Mayer. Mas também *Beijo no Asfalto*, do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, que Tónan Quito encenou para o Teatro Nacional São João, no Porto, com um elenco de brasileiros a residir em Portugal. E *Burn Burn Burn*, de Isabel Costa e Catarina Rôlo Salgueiro,

Para ver esta semana

DANSE MACABRE

Escola D. António da Costa > 4 jul, sáb 22h > €20

PLATÓNOV

Teatro Municipal Joaquim Benite > 5-6 jul, dom 21h30, seg 19h > €25

FRATTO_X

Escola D. António da Costa > 6 jul, seg 22h > €20

ANSIOLITICAMENTE FALANDO

Academia Almadense > 5, 7-8 jul, dom 16h, ter 21h30, qua 19h > €20

SAUDAÇÕES

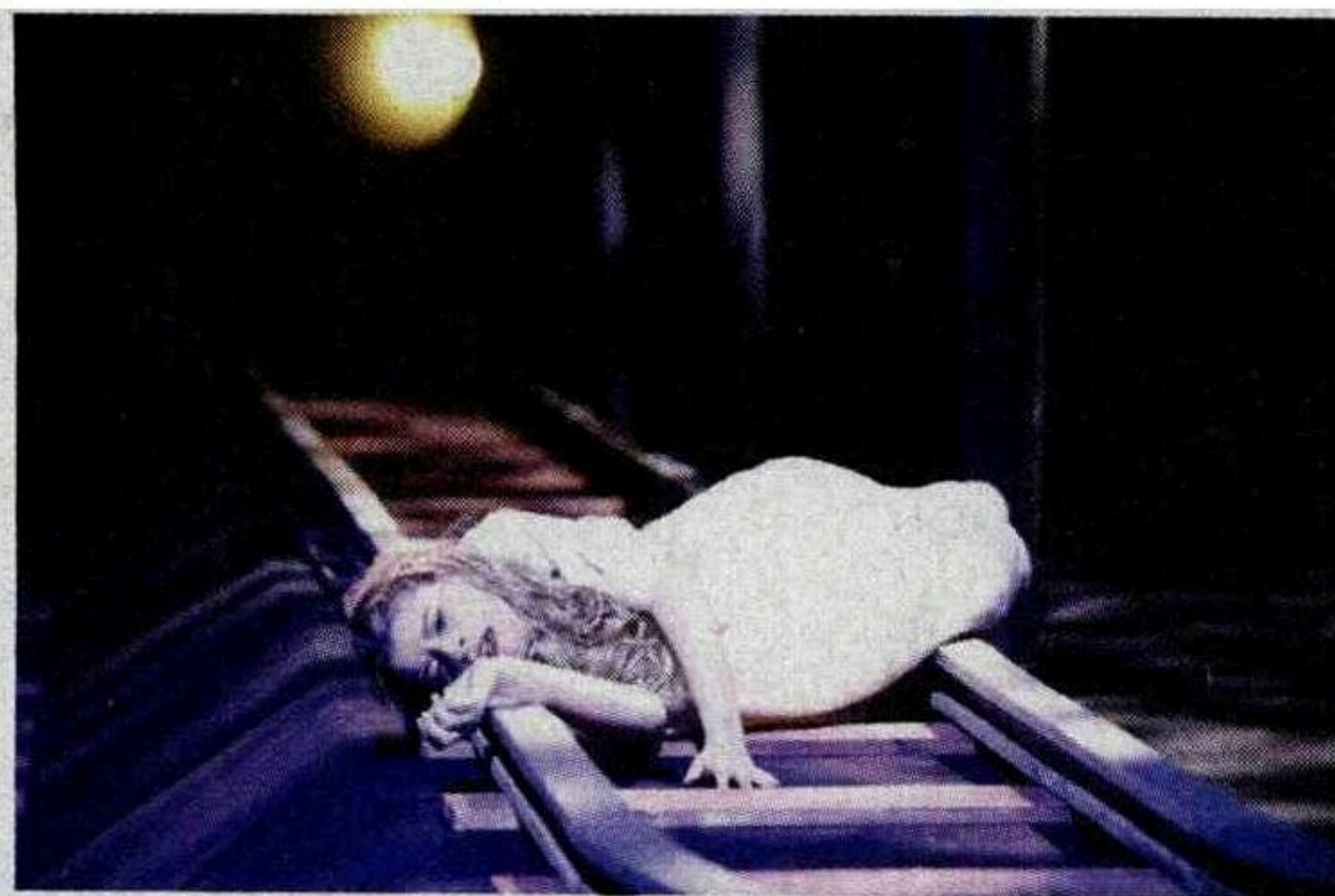
Teatro Municipal Joaquim Benite > 5-17 jul, seg-dom 21h30 > €13

DIALOGUES DANS LE RÊVE

Escola D. António da Costa > 8 jul, qua 22h > €13 a €17,50



De 4 à 18 de julho, são 19 espetáculos, 12 de criadores internacionais e sete de portugueses, em oito palcos de Almada e dois de Lisboa



JOSE CALDEIRA

ENRIC VIVES-RUBIO

ANNE VANAESCHOT

BASIL STÜCHELI

do coletivo Os Possessos, a partir de *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Uma ficção distópica particularmente pertinente hoje, segundo as autoras, que nos faz pensar que “papel têm a literatura, a arte, o teatro, perante a polarização que incendeia o mundo em que vivemos”.

Miguel Seabra tem uma participação dupla no festival. Além de encenar *Happy Days*, de Samuel Beckett, com interpretação de Mónica Garnel, pelo Teatro Meridional, também irá dirigir *O Sentido dos Mestres*, na Casa da Cerca, um projeto por onde têm passado os mais importantes criadores nacionais e internacionais, para falar do seu *métier* e, lembra Rodrigo Francisco, “transmitir o conhecimento e as suas ferramentas de trabalho às novas gerações”.

Aos 82 anos, Fernando Gomes será o grande homenageado desta edição. A *Paródia de um Rei sem Palácio*, instalação concebida por José Manuel Castanheira, evoca o percurso do ator e encenador e pode ser vista na Escola D. António da Costa. “Todos os anos escolhemos pessoas que tenham dedicado as suas vidas ao teatro. Fernando Gomes é um ator muito amado pelo público. Teve um papel revolucionário, nos anos 1980, ao criar espetáculos de *cabaret noir*, e tendo em conta o contexto atual – em que se atacam os velhos artistas, cortando-lhes o subsídio de mérito cultural – esta homenagem acaba por ser um gesto para não os esquecermos nunca”, sublinha o diretor. Justo reconhecimento. visao@visao.pt